

MAIA, Lucas. *Nem partidos, nem sindicatos: a reemergência das lutas autônomas no Brasil*. Goiânia: Edições Redelp, 2016. 270p.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AUTOGESTIONADAS E AUTÔNOMAS NO CONTEXTO DA LUTA DE CLASSES

Marco Aurelio Barbosa*

O autor do livro, Lucas Maia, é professor no Instituto Federal de Goiás (IFG), tendo produzido diversas obras no campo dos debates marxistas que versam sobre a organização das classes sociais, questões epistêmicas relativas à obra de Marx, formas de organização política, bem como, sobre a autogestão, entre outros.

Neste caso, a autogestão tem a ver com a capacidade de organização autônoma, promovidas pelos sujeitos, sem ação ou interferência externas, antes, diluída na mobilização espontânea, apartidária, autônoma e horizontal entre os trabalhadores.

Aqui apresentada em, “Nem partidos, nem sindicatos: reemergência das lutas autônomas no Brasil”, coletânea de artigos produzidos por Maia em diversos momentos de sua trajetória intelectual, conferida à obra em questão.

A coletânea se acha dividida em nove partes, que contam com a Introdução, onde o autor faz uma explanação sobre a experiência em relação aos movimentos de autogestão, bem como, reflexões teóricas sobre as forma de organização autônoma, seguidos por quatro capítulos intitulados respectivamente, “Autônomo, Independente, Horizontal..”; Para Além dos Protestos; Jornadas de Junho de 2013 no Brasil; Experiências de Auto-Organização nas Lutas dos Trabalhadores da Educação, sendo estes fundados em análises empíricas, e os demais, Os Sindicatos: Não Há Que Conquistá-los, Há que Destruí-los; O Significado Político do Comando de Greve; Reflexões Sobre a Organização Revolucionária; sendo que estes últimos possuem um aspecto mais conceitual, por assim dizer.

Dito isto, parece importante salientar que este trabalho não tem por objetivo fazer um resumo escalar de todos os capítulos, conceitos e ideias aqui apresentadas por Maia, antes, o que se pretende é uma leitura que se concentre em pinçar aspectos centrais, apontamentos e alguns conceitos trabalhados pelo autor.

* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná/UFPR.

O autor ao introduzir a sua obra aponta para o discurso ideológico corrente nos anos 90 e posteriormente, apontando o aspecto ideológico desta afirmação, que contém em um certo “vernizinho” teórico, no que se refere ao discurso do “fim da História”, advindo de figuras como Francis Fukuyama¹, no que se opõe a estes, destacando que as lutas sociais acabam por denunciar “o fim do discurso do fim”, isto é, que o discurso da hegemonia do capitalismo é apenas um simulacro, uma vez que as questões e lutas sociais não se esvaziaram, encontraram sim, outras expressões dentre as quais a autogestão, que se coloca como lume, e que se fará presente durante toda a obra.

Desta feita, destaca-se aqui o capítulo intitulado “Autônomo, Independente, Horizontal...”, em que o autor busca conjugar uma análise conceitual, amarrada a elementos contextuais, para trabalhar a questão dos sindicatos, seus problemas e vícios, assim como, de instituições análogas, no qual vai apontando para os conceitos, que emprestam seu nome ao ensaio proposto por Maia.

Assim a grosso modo, contextualiza-os com base em experiências, nas quais o pesquisador se fez presente, não deixando de salientar os problemas da lógica capitalista embutidas nas formas instituídas e estatuídas dentro das representações de classe, como é o caso da burocracia estatal. Estes elementos presentes nesta obra aludem a outro trabalho do autor, “As classes sociais em O Capital²” (2020), onde a exemplo de Marx³ (1997) em o 18 de Brumário, procura compreender como as diferentes frações da burguesia se organizam, nesta obra de Karl Marx.

Um olhar mais detido, nesta obra de Marx em particular acaba por ressaltar elementos que animam e destacam a burocracia – e por sua vez os burocratas – como uma classe social, que se distingue da burguesia e da classe proletária, embora imiscuído nestas, orientam suas ações e seus impactos de modo a impor relações, meios de controle das relações sociais na amplitude das estruturas administrativas ligadas ao Estado, ao setor privado e aos órgãos de representação de classes entre outros, sobretudo, naquilo que se refere as diversas frações da classe trabalhadora.

Entretanto, aqui mais que compreender este jogo, busca trabalhar os conceitos de frações de classe, autogestão, auto-organização, apartidarismo, entre outros, conjugando estes

1 FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

2 MAIA, Lucas. **As classes sociais em O Capital**. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

3 MARX, Karl. **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann**. a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

elementos teóricos e empíricos, que de forma geral aparecem de maneira lúdica na análise das lutas do passe livre e a revolta dos 20 centavos em 2013.

Ao focar nestes eventos, observa a formação de estruturas e forças sociais que operam nas relações destes sujeitos, com movimentos espontâneos ocorrendo de forma quase simultânea em várias regiões do país, como em Salvador, Bahia e Florianópolis em Santa Catarina, sua durabilidade, uma vez que estes movimentos ocorrem e se espraiam por um período mais ou menos longo de tempo que tem como início o Movimento Passe Livre, fundado em 2005 chegando às Jornadas de Junho de 2013. Este movimento que vai se resignificando ao longo deste período, bem como, adquire certa complexidade, fato que torna esta análise, certa forma confusa, dado ao grau de informações ali expostas. É necessário notar que mesmo o autor, observa que esta reflexão se construiu no calor do movimento, existindo aí segundo o autor alguns problemas relativos a possíveis imprecisões e questões que só mais tarde pode então observar relativos ao distanciamento histórico.

Contudo, ao republicá-lo na obra aqui debatida, procurou manter o artigo como estava, admitindo a existência de certas imprecisões, fato que não descaracteriza a importância do estudo.

Por outro lado, Maia deixa bem claro que longe de manter certo afastamento destes eventos, se preocupa em produzir uma leitura e conceitos mobilizantes, pois, as palavras e conceito não são apenas, “formas vazias” antes, estão eivadas de significações e ideologias que precisam ser pensadas e combatidas.

Isto, nos dá a oportunidade de compreender a existência e a dificuldade de se fazer uma leitura teórica e ao mesmo tempo empírica com objetos em movimento.

Neste sentido, a luta de classes não se restringe apenas aos processos produtivos, mas se expande para todo o conjunto das relações sociais. Partindo desta lógica, Maia (2016) amarra a estas questões as transformações ocorridas nos processos de acumulação, que assim como Viana⁴ (2009), percebe nas mudanças destes processos, também mudanças de estratégias tanto das frações da classe burguesa no intuito de impor seus interesses, gerar Mais-valor, quanto das frações do proletariado, com objetivo de resistir e minar as estratégias de classe.

Neste contexto aponta para um agente importante e muitas vezes ocultas em análises mais superficiais, neste caso, as classes subsidiárias, com destaque para a burocracia ou

4 VIANA, N. (2009). **O capitalismo na era da acumulação integral**. Aparecida, SP: Ideias e Letras.E-book.

burocratas e suas frações. Frações que se constituem em correntes de transmissão dos interesses das classes capitalistas, no que a crítica e a análise do autor apontam para as diferenças e semelhanças das organizações burocráticas e seus representantes, organizados em burocracia estatal, empresarial e sindical.

Partindo destas observações, o autor aponta a facilidade e a permeabilidade da circulação destes indivíduos desta classe em diversos níveis do “universo” burocrático, assim como, seus vícios. Cacoetes estes que se configuram em similitudes com impactos deletérios sobre as lutas sociais, na medida em que sua natureza de controle e organização, nestas implícitas, possuem correspondência umas nas outras. Esta correspondência é o que faz com que estas ajam como um grupo de interesse, frente aos desejos dos coletivos, trabalhando assim, para frear as lutas por mudanças e mesmo por enquadrar dentro desta lógica e neste caso, a lógica capitalista.

A lógica de interesses da classe burguesa se acha embarcada nesta classe, que tem como um de seus constituintes os dirigentes sindicais e análogos, ligados a uma razão una instituída e estatuída, por esta classe que possui íntima ligação com os interesses do capital. Estas frações trabalham de forma conjugada para impor seu controle e seus interesses sobre a classe trabalhadora, evidenciando seu caráter conservador, no que nas palavras do próprio autor pode ser assim resumida:

Estas frações da classe social burocrática falam em nome dos trabalhadores, afirmam que defendem os interesses destes trabalhadores. Contudo, o que a experiência histórica demonstra ao mais desatento dos observadores é que os grupos dirigentes destas instituições acumulam funções, cargos, salários e, portanto, poder, passando a adquirir interesses próprios, distintos dos trabalhadores aos quais afirmam representar (MAIA, 2016, p. 32)

Esta questão aparece de modo, enfático na análise das greves dos Professores de Goiás, estas resultado de um entrave entre os trabalhadores da educação do Estado de Goiás – sejam estes do Ensino Superior, sejam do Ensino Fundamental – e as instituições, sejam elas de classe, como os sindicatos, sejam elas estatais, como as organizações burocráticas do aparelho estatal, que se apresentam como controladoras e impositoras da ordem.

Ao tratar deste tema, o faz principiando a luz dos debates que envolveram os corpos técnicos – administrativos, docentes e discentes na luta pela melhora de condições na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Neste caso particular, que pode ser transposto a outros

contextos e situações, a representação sindical é vista aqui como uma representação fraca, tanto no que diz respeito a organização e pressão para luta por direitos, quanto o seu papel de representação de classe frente ao aparelho estatal, o que faz com esta, devido aos vícios até aqui apontados, ajam de fato como apêndices de quem de fato deveriam combater. Não sem uma causa aparente, mas, em nome de uma autopreservação, que quando percebe que o controle dos comandados lhe escapam entre os dedos.

Procuram se utilizar de estratégias desleais, para assim se conservar o status quo vigente, como por exemplo, manipular o processo de eleição de representantes sindicais, a fim de manter o seu “lugar de poder”.

Contudo, isto terá um efeito rebote, que levará os trabalhadores a cindirem, com estes representantes que representavam interesses próprios. Tautologias à parte, observa-se aí que o movimento, como resposta a este estado de coisas, procura a levar à organização de novas formas de luta. Estas por sua vez acabam por se constituir ou tomar uma forma autônoma e orgânica, uma vez que estes indivíduos percebem o engodo das formas de representação até aquele momento reconhecidas.

Sendo assim, as novas formas de luta não se preocupam com hierarquização, regras instituídas, funções, etc., no que se contrapõe as formas de combate social, até aqui utilizadas. Buscam assim, superar estas formas arcaicas, em nome de algo consensual, autônomo e horizontal, já que as decisões a partir desta constatação, não seriam tomadas por “líder que os conduziria à vitória”, mas, em debates coletivos e em coletivos separados, visando adequar os meios frente a realidade e às dificuldades a serem superadas.

Neste sentido, os trabalhadores conseguiram várias conquistas, inclusive o afastamento do reitor da instituição, muito embora, este movimento vá diluindo aos poucos na medida que os objetivos foram sendo alcançados, certo grupo de indivíduos se manterá fiel as estes princípios, organizando-se em coletivos que se contrapondo ao esvaziamento do movimento, muito comum nestes casos. Assim, acabam por se constituir em núcleos privilegiados para a reelaboração do movimento quando necessário.

Isto se verifica, quando mais à frente, o autor aponta para a greve dos professores da rede municipal de ensino e dos trabalhadores no nível superior, quando estes resistiram não só como movimento social apenas no terreno das ideias, mas, fisicamente aos representantes do braço armado do estado aqui representados pelos policiais e guardas municipais, que via de regra, procuraram desmobilizar o movimento pacífico pelo uso da força, da qual os educadores,

ao contrário do esperado, se colocaram em um processo de resistência não só de mobilização do ponto de vista ideológico, mas, indo às vias de fato contra a força repressiva do Estado.

Neste contexto, denota a tentativa do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO) de se apropriar e deste modo enquadrar os trabalhadores.

Como resposta a este estado de coisas, os educadores resistirão a esta investida, a qual se configurou também como assédio aos trabalhadores vistos como “líderes”, o que levou a certa frustração do sindicato ao não encontrar o “chefe” do movimento, pois, este em verdade não existia, posto o caráter autogestionário do movimento.

Nesta tentativa de impor seus interesses à categoria, o SINTEGO acabará por perfilar com os representantes do aparelho estatal na tentativa de desmonte do movimento, devido à incapacidade de controlá-lo.

Deste modo, os trabalhadores resistiram vários meses, nesta disputa, alcançando boa parte de seus intentos, entretanto, uma questão se impõe aqui, porque o sindicato agiu como agiu, isto é, de maneira análoga aos representantes da classe burguesa, e ainda, qual motivo os levou a se contrapor aos professores, se aliando a estrutura estatal para sufocar o movimento?

Isto se deve à natureza da divisão entre dirigentes e dirigidos, onde na instituição os “líderes” constroem todas as decisões, sobrando aos comandados a tarefa de “levantar cartões” para “aprovar” as decisões do grupo no poder, não sem uma certa condução para que os eventos ocorram como esperado.

Num segundo momento, o que se vê é que a liderança sindical devido à natureza do seu metiê, acaba por se descolar da base, aburguesando-se no processo, passando a compor parte daquilo que representa a estrutura burocrática. Estrutura esta que lhe servirá como ambiente de inculcação e adesão aos valores capitalistas, devido a natureza do processo, além disto, passam a compor uma “elite” profissional e que devido a esta particularidade tem fácil movimento na rede permeável das estruturas burocráticas, o que lhe dará condições de circular entre os diversos níveis e ambientes das burocracias sindical, empresarial e estatal. Qualidade que dará a estes a ocasião e a possibilidade de cambiar entre estas esferas da estrutura burocrática, condição que o torna mais permeável à lógica capitalista inerente às estruturas burocráticas, residindo neste fato a explicação do porque o sindicato e suas lideranças acabam por se unir às estruturas estatais e empresariais para debelar as greves e impor seu “poder” aos demais.

A lógica burocrática e o seu funcionamento faz com que estes grupos funcionem como gêmeos siameses unidos por apêndices, compondo por assim dizer um corpo comum.

Sendo assim, o que se observa como um dos elementos principais desta obra é a oposição e o embate entre as formas de luta burocratizadas e as formas de luta autônomas.

Posto que ao analisar este quadro se vê grupos se constituindo, com certos limites grupos quase que diametralmente opostos em um mesmo campo, dado o fato de que os sindicatos, como apontado em diversas passagens da obra, passaram ao longo do tempo de representante das classes trabalhadoras a representante de interesses próprios, burocráticos e burgueses.

Aderindo a esses interesses e as lógicas burguesas, os sindicatos burilam posições comuns às frações burocráticas, revelando o seu caráter conservador, assim como de corrente de tração e linha auxiliar das frações da classe burguesa, tornando-se ele mesmo e seu representante. Ao longo deste processo é se torna parte importante de sustentação da classe burguesa.

Tendo em consideração este horizonte, não é de se estranhar que os trabalhadores, como evidenciado pela obra, procurem cada vez mais, em vários lugares do mundo se organizar de forma coletiva, autônoma, horizontal, etc., como alternativa de superação aos meios tradicionais e conservadores dos valores advindos das estruturas sindicais.

Valores que como destaca Maia, acabam por frear os movimentos transformadores a pretexto de responsabilidade dos dirigentes frente aos dirigidos. Estado de coisas, que evidenciam de modo claro e cristalino o que se vaticina em artigo que integra esta coletânea intitulado “Sindicatos: Não Há Que Conquistá-los, Há que Destruí-los”, dado o fato de que estes acabam por se constituir, tendo em vista o exposto até aqui, de formas de organização consagradas, em objeto obsoleto, no que as formas autônomas de luta e mobilização se apresentam como caminho para transformações sociais reais.

Referências

- FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- MAIA, Lucas. *As classes sociais em O Capital*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- VIANA, N. (2009). *O capitalismo na era da acumulação integral*. Aparecida, SP: Ideias e Letras. E-book.